

JORGE ANTONIO RUEDAS DE LA SERNA — *Arcádia: Tradição e Mudança*, prefácio de Antonio Candido, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1995, XXI + 179 pp.

1. Na sua forma original, este ensaio constituiu a tese de doutoramento do A. em Teoria Literária e Literatura Comparada, obtida em 1992 na Universidade de São Paulo, sob a orientação do Prof. Antonio Candido.

A importância desta obra advém desde logo, como sublinha o autor do prefácio, da circunstância de o Arcadismo ser um tema algo esquecido no Brasil, «apesar da sua posição chave no processo de formação, não apenas da literatura brasileira, mas da própria definição da identidade nacional» (p. XI). Outro dos seus méritos tem a ver com a adopção da perspectiva segundo a qual o estudo do arcadismo brasileiro só pode ser correctamente realizado quando articulado com o do português. Como o A. afirma na «Nota Preliminar», essa é uma posição pouco frequente entre os estudiosos do período:

«(...) tanto em Portugal como no Brasil, tem havido uma estranha recusa a estudar a estreita vinculação existente entre os árcades metropolitanos e ultramarinos. Recusa que se explica, no Brasil, pelo exaltado nacionalismo que impregnou os árcades, protagonistas da Inconfidência Mineira, e nos quais se tendeu a acentuar a ruptura literária com a metrópole. Enquanto que em Portugal tem predominado a ideia, incorrecta, de erigir como modelos os poetas peninsulares e como meros repetidores os brasileiros» (pp. XVIII-XIX).

Outra das características deste ensaio que convém destacar preliminarmente tem a ver com o facto de o A. não se propor fazer uma história do movimento arcádico, mas antes uma reflexão crítica sobre algumas das suas características, o que o leva a recorrer a amostras de carácter exemplar.

2. Entre os aspectos do arcadismo discutidos na obra merece destaque a ideia de que ele tende a evadir-se do seu meio social graças à ficção pastoril. Contrariando a posição mais frequentemente defendida, o A. procura mostrar que essa visão «exclui um sentido político e cultural mais amplo do arcadismo e deixa sem explicação as aparentes contradições que essa escola, principalmente no século XVIII, apresenta com a cultura dominante de seu tempo» (p. 2), sustentando que se trata de um movimento simultaneamente renovador e conservador.

Dedicando particular atenção à obra de Correia Garção, o A. vai examinando — quase sempre sob uma perspectiva nova — outros tópicos relacionados com esta corrente literária, como a prática do panegírico, a importância da crítica, a liberdade artística. Sobre este último ponto, e a propósito de uma oração de Garção, escreve:

«Nessa defesa da liberdade do escritor, com relação às pressões do meio social (seja a necessidade de agradar o público, a busca da fama e do reconhecimento, a luta por obter o poder real, ou, inclusive, as subvenções do Estado para a associação), a *Arcádia* mostra, pela voz de seu presidente, sua falta de sintonia com o modelo político cultural do pombalismo, como também com o incipiente projeto liberal, embora, por outro lado, prove sua modernidade no que se refere à concepção da obra de arte como produto de um trabalho eminentemente formal, que aspira à excelência, e para cuja realização plena o poeta reclama liberdade» (p. 28).

Num outro plano, e a partir da constatação de que a *Arcádia* não rompeu totalmente com os convencionalismos da cultura barroca — tanto no que se refere às inclinações eruditas como às práticas laudatórias — o A. reflecte sobre o movimento academicista no Brasil, destacando a Academia Brasileira dos Renascidos e a Academia Brasileira dos Esquecidos. Na esteira de Antonio Candido, sublinha a importância destas associações:

«A diversidade de cenáculos literários e científicos que surgiram no Brasil durante o século XVIII representou uma forma peculiar de agremiação cultural, que foi evoluindo, através do período iluminista, da atitude encomiástica e servil a contribuições culturais valiosas e mais independentes. Esta última postura é representada pelo arcadismo, já mais próximo ao aparecimento de centros de agitação ideológica e política na etapa pré-revolucionária» (p. 65).

Num exemplo das relações entre os árcades brasileiros e portugueses, o A. estuda mais à frente a lira 77 (na numeração de Rodrigues Lapa) de Tomás António Gonzaga — iniciada pelo verso «Eu, Marília, não fui nenhum vaqueiro» —, demonstrando que, para além da fonte mais remota que seria a *Égloga* II de Virgílio, ela parte do soneto LXI (na edição de Azevedo Castro) de Correia Garção, cujo primeiro verso é «Não cobre vastos campos o meu gado». Outro exemplo apresentado pelo A. para demonstrar as ligações entre ambos os poetas é o do poema 16 de Gonzaga (o soneto «É gentil, é prendada a minha Altéia») perante o soneto LX de Garção («Tu és Dircea filha do Tirreno»). A conclusão, contudo, não aponta para a inferioridade criativa do primeiro, na medida em que o A. reconhece que «de idênticas convenções, dos mesmos modelos, surgem textos de significação profunda divergente» (p. 96).

Ainda a propósito das relações entre os árcades brasileiros e os portugueses, o A. identifica as principais etapas da longa luta dos americanos pelo reconhecimento da sua terra, para em seguida concluir:

## RECENSÕES

«De modo que essa operação consistente em reivindicar a riqueza e beleza da natureza brasileira, como uma forma de reivindicar as próprias capacidades intelectuais e morais dos homens nascidos ou residentes no Brasil, já tinha uma longa tradição em tempos da Arcádia do século XVIII. E se poderia dizer que esse é o primeiro ingrediente (...) separando os árcades metropolitanos dos seus pares ultramarinos» (p. 131).

Um último ponto a destacar neste domínio tem a ver com os chamados «dissidentes da Arcádia». Historiando o processo de ruptura e discutindo os pontos que os separavam — nomeadamente a avaliação de Camões, a questão da língua e o estilo da égloga —, o A. mostra depois que alguns dos poetas brasileiros (como Basílio da Gama ou Silva Alvarenga) se integraram no grupo dos dissidentes ou revelaram na sua obra sinais de afinidade (como Gonzaga) em relação ao grupo liderado por Filinto Elísio.

3. Terminaremos com uma observação sobre a bibliografia. Embora o A. cite a maior parte dos trabalhos essenciais sobre os temas abordados na obra e recorra até a fontes geralmente pouco utilizadas — como as *Memórias de Literatura Portuguesa* da Academia de Ciências de Lisboa —, são de notar algumas omissões importantes, como os ensaios de Aníbal Pinto de Castro (*Retórica e Teorização Literária em Portugal*), Vítor de Aguiar e Silva (*Para uma Interpretação do Classicismo*), Heitor Martins (*Neoclassicismo — Uma Visão Temática*) ou Gilberto Mendonça Teles (*Camões e a Poesia Brasileira*).

Francisco Topa